

Elmar Salmann

A Vitalidade da Bênção

Pistas para viver o ministério, hoje



EDITORIAL A.O.

A Rede Mundial de Oração do Papa, o novo nome dado ao Apostolado da Oração, é um Serviço Pontifício confiado à Companhia de Jesus. É formada por cristãos que oferecem o seu dia, as suas orações e as suas ações pelas intenções que, cada mês, o Santo Padre confia a esta Rede Mundial. Pode-se fazer parte desta Rede individualmente ou em grupo. A sua prática espiritual conduz, através da identificação com Cristo, a um compromisso concreto com os grandes desafios do mundo e a realidade eclesial onde se está inserido. Em Portugal, esta proposta de oração e vida é difundida através das Editoriais, publicações, plataformas digitais e demais atividades do Secretariado Nacional do Apostolado da Oração.

Título original: *Il Respiro della Benedizione*

© Cittadella Editrice – Assisi

ISBN 978-88-308-1055-6

Tradução: José Carlos Miranda

Capa: Francisca Cardoso

Paginação: Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos: Tipoprado, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal n.º 420433/17

ISBN 978-972-39-0829-9

Janeiro de 2017

Com todas as licenças necessárias

©

**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRÁGA

Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441

www.apostoladodaoracao.pt/livros@snao.pt

PREFÁCIO

O conforto da bênção num tempo incerto

«A bênção é a razão de ser da religião, a sua força e o seu *charme*». Nesta frase está condensado o que este livro diz. Quando a tantos a fé cristã parece já dizer tão pouco acerca da trama intrincada que a vida é e quando os grandes mistérios cristãos – a trindade e a criação, a encarnação e a redenção, a graça e a vida eterna – já pouco se compreendem e mais dificilmente se conjugam com a experiência banal de cada dia, Elmar Salmann aponta a bênção como lugar promissor para viver, para compreender e para dizer a experiência crente e, nela, o ministério sacerdotal. A bênção exprime a força vital da fé cristã, que é digna de ser vivida, porque atravessa as entranhas da existência, as suas graças e desgraças, encantos e pesadelos, realizando as aspirações mais íntimas da alma, as vibrações

A Vitalidade da Bênção

mais fortes da existência. E é expressão e forma – o tal *charme* – da vida crente, desenhando espaços humanos e modos fecundos de os habitar. Num ambiente cultural que já não se reconhece imediatamente cristão, entre uma fé, talvez, demasiado forte e intimidatória, sacral e expiatória, e uma fé, talvez, demasiado leve e simpática, humanista e liberal, a experiência de se reconhecer abençoado e de poder abençoar inicia à possibilidade de um outro estilo cristão.

Só por si, a palavra *bendizer* já é verdadeira bênção, recorda-nos, noutro momento, o autor do presente livro. Há um encanto próprio em qualquer início – no dar à luz e no nascer, quando se semeia ou se abre um livro novo, no casar e no reconciliar-se, na primavera e no Ano Novo. Com renovada esperança, evoca-se e renova-se a bênção dos inícios, a palavra amorosa e fecunda que tudo trouxe à vida e que tudo mantém em vida. À luz de um Deus que nos quer bem e nos bendiz, dizer bem e falar bem, das pessoas e das suas circunstâncias, do tempo que se vive e dos lugares que se habitam, já assinala a presença da graça divina

Prefácio

que, graciosamente, aquece e ilumina, conforta, eleva, sustenta. Reconhecer e viver a vida e a sua contingência como bênção, ainda que difícil, realiza a fé num Deus encarnado. Possivelmente, este será um Deus mais humilde do que outrora, mas nem por isso será mais fraco; será mais pobre e mais modesto do que nos tempos em que o Cristianismo regia o centro das culturas e das consciências, mas, ainda assim, não cessa de se expor, em liberdade, à nossa finitude – Deus em contínuo e paciente ato de gerar vida nas vidas reais que são as nossas.

A bênção aponta para um Cristianismo possível em tempos indeterminados e incertos e que lhe impõem maior humildade. E aponta, também, para um ministério sacerdotal que reencontre no gesto da bênção um lugar privilegiado, sobretudo quando a aura sacral do passado talvez já não reja ao tempo dessacralizado de hoje, e o ativismo pastoral e comunicativo moderno talvez ainda não convença plenamente – *A Vitalidade de Bênção* foi publicado originalmente, em Itália, em 2010, no contexto do ano sacerdotal, dirigindo-se, em primeiro lugar, aos sacerdotes. Como o leitor

A Vitalidade da Bênção

poderá confirmar, já quase no final do livro, dirá E. Salmann que a bênção é a linfa vital, o âmago, o gesto primordial dos sacramentos, da mística, da gestualidade sacerdotal. Invocado, provocado, enviado, o sacerdote passará a dar voz e gesto – a sua voz própria, verdadeira, não de falsete; os seus próprios gestos, ajustados e justos, ternos ou fortes, segundo mais convier – à profundidade, à altura e à largura do mistério que habita toda a existência e o mundo inteiro. E fá-lo-á com paixão e competência, profundidade e leveza, esforço e graciosidade, deixando que a sua própria vida chegue a testemunhar o que significa o silêncio, a oração, a ascese, a contemplação, a ousadia profética, quando for o caso. Por isso, terá pudor em falar de cor de Deus, como se O pudesse reduzir ou esgotar numa formulação fechada, num código certo, num arrebatamento de momento. Acenará, antes, para uma sarça que arde sem se consumir, diante da qual se tira o calçado, a mesma através da qual ele próprio é chamado pelo nome e o leva a ficar descalço. O mistério de que fala e que representa como bênção da vida é aquele que lhe atravessa a existência.

Prefácio

O que seria, pois, reler o *ministério sacerdotal* à luz da bênção? Significaria situar-se, algures, entre a função que se exerce, sem se tornar funcionário, e o mistério que se serve, sem se tornar um homem estranho ou desligado. E o que seria o *poder sacerdotal* à luz da bênção? Não seria, seguramente, a autoridade autoritária e castradora, paternalista ou moralista, que tira benefícios pessoais da missão recebida e da suposta supremacia sacral, mas, antes, a arte de ser pequeno pontífice, na medida em que cria pontes entre céu e terra, graça e liberdade, natureza e cultura, acolhimento gratuito e esforço empenhado. Seria autoridade que autoriza, promove e sustém a liberdade de outros; o saber aproximar-se e o saber afastar-se; a sabedoria de exigir com firmeza e de esperar com paciência. O que seria o *pastor* que se compreendesse como bênção? Não seria, de todo, o dono e senhor do redil, que se serve das ovelhas, como sua propriedade, motivo para a sua realização pessoal, instrumento para os seus caprichos e manias, destinatário das suas frustrações. Seria, antes, o servo que assiste – observa e acompanha – o caminho, por vezes,

lentíssimo, de cada homem e mulher, com empatia, lucidez, paciência e tenacidade, inventividade e afeto. E o *rito*, como ganharia se não ficasse aquém dessa mesma força e *charme* da bênção! Seria realizado no horizonte do Espírito que incide na matéria, porque a verdade que Deus é manifesta-se como palavra-carne, palavra-gesto – Jesus Cristo, caminho da verdade da vida, não é só palavra que ensina, mas é timbre, musicalidade, ressonância. É silêncio e é gesto. É rosto e é toque. É aproximação e é afastamento, é luz forte do meio-dia e luz ténue do entardecer. Por isso, o rito que representa a ação da graça deverá ser bem-dito e bem-feito, para chegar a ser reconhecido e acolhido como bênção que toca a vida. À luz da bênção, o rito é, de facto, ação do Espírito a incidir e a agir no tecido da vida.

Respirar a bênção é mais, bem mais, do que compreendê-la ou dizê-la. Será saboreá-la, senti-la, fazê-la sua. Também este livro poderá ser respirado, como uma bênção, exigente, por vezes, como costuma ser a bênção. O seu autor, Elmar Salmann, é monge beneditino, da Abadia de Gerleve, na Alemanha. Nasceu em 1948

Prefácio

e, ao longo de mais de trinta anos, ensinou filosofia e teologia, em Roma, marcando, com a sua originalidade e liberdade de espírito, a sua vastíssima erudição e sentido de humor único, várias gerações de alunos. Mestre no ofício de pensar e senhor de uma escrita refinada, é particularmente conhecido em Itália, dentro e fora da Igreja, pela arte de ler os contornos do nosso tempo e de reler, nele, lugares possíveis – humanamente honestos e dignos – para o Cristianismo e a Igreja. Por todas as razões, é, também, uma bênção que a Editorial AO nos tenha tornado acessível, em língua portuguesa, este livro-aperitivo à obra de E. Salmann. Poderemos ler cada uma das suas sete partes como sete exercícios de respiração. Porque a bênção respira-se.

José Frazão Correia, sj

Introdução

«Se tivesse que escolher entre o mais inspirado e poderoso profeta e o padre mais miserável, iria ter com o padre e pedir-lhe-ia a sua bênção», diz, se bem me lembro, Marie Noë nas suas *Notes intimes*. E que mais poderíamos nós implorar de Deus e d'Ele esperar como apoio para as vicissitudes da nossa pequenina existência? De facto, a bênção¹ é a razão de ser

¹ O conceito latino de *benedictio* (de *benedicere*) mantém no italiano *benedizione* e *benedire* todas as suas valências semânticas, desde a do sentido estrito etimológico até à de rito propiciatório ou apotropaico. Em português, estas últimas valências encontraram formas especializadas nos derivados «Bênção» e nos verbos derivados «Abençoar» e «Benzer». O uso intencionalmente polissémico do autor só seria possível na versão portuguesa através do recurso a jogos etimológicos como «bem(di)ção», «bem(di)zer», etc.. Ao longo da obra, para evitar tornar o texto de leitura difícil e, por vezes, confusa, damos por adquirido que o leitor terá esta nota presente. (N. T.)

da religião, a sua força e o seu *charme*. Através dela, os tempos tornam-se *kairoi*, isto é, ocasiões para nos encontrarmos com as marcas de Deus e com um futuro vivível e promissor, para escavar nas vastas profundezas da solidão e da comunhão entre os homens, para acompanhar a génese de uma biografia, para enfrentar fecundamente o carácter tragicómico da existência, para viver o aspeto abissal e místico-consolador da fé e para compreender o mistério cristão como arte de tradução entre Céu e Terra, Deus e Mundo, pecado e santidade, entre tempos e culturas, entre profetas e sacerdotes. A bênção transforma escolhos em passagens, desfiladeiros em caminhos.

Este pequeno livro gostaria de convencer o leitor a procurar a veia inspiradora de S. Lucas na religião cristã, tão atraente quanto combatida, o *charme* das origens, do nascimento, do canto, do gesto humano, do abandono, das mulheres e das crianças, a presença aconchegante e sanadora do Salvador.

Se tivesse que escolher entre o mais imponente dos profetas, a mais inteligente das

Introdução

ideologias, a mais eficaz de todas as políticas, a moda de maior sucesso, iria talvez ter com o padre, pedir-lhe a bênção do seu Deus, maior e mais humilde do que todos os profetas, filósofos, políticos e fazedores de opinião juntos... um autêntico conforto.

ELMAR SALMANN

P.S. Este livro não teria vindo à luz sem a amável e eficaz insistência e assistência de Armando Matteo, a quem aqui deixo de bom grado o meu obrigado.